

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 »
Brazil, semestre . . . . .	700 »
Avulso . . . . .	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—**IMPRESA CIVILIZAÇÃO**

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## A assistencia publica em Ovar

E' actualmente absorvente o problema da assistencia n'esta nossa boa terra, occupando particularmente a attenção a assistencia hospitalar. Bastantes esforços e bellos rasgos de generosidade tem merecido já, mas muito falta ainda para poder desentranhar-se em salutareos fructos a obra, que sonhou o seu generoso promotor. Necessita que a ella se applicuem todos os corações bem formados e para ella convirjam todas as actividades bem orientadas, convertendo todos os egoismos e removendo para a montureira das escorias sociaes qualquer vêsga e parda inveja ou vileza, que porventura appareça a estorvar ou empatar os que querem trabalhar para os outros.

Felizmente em Ovar, que não está habituado a grandes movimentos de solidariedade e que não possui fortes liames de vida social, todos, com mais ou menos enthusiasmo, mais ou menos efficazmente, tem correspondido ás solicitações para a fundação da Misericordia.

Já agora se nos afigura um facto a fundação do novo hospital, mas os meios materiaes, que hão-de prover á sua construcção, estão longe de bastar. Tem de ser continuadas e vivas as solicitações, que de resto sempre serão coroadas de exito, pois é inexgotavel o thesouro caritativo dos nossos patricios d'aquem e d'além. Mãos á obra sem um esmorecimento, sem uma distracção, sem outra preocupação que não seja o bem commum e o conforto dos pobres!

Mal se comprehende que n'este momento Ovar possa ou deva distrahir quantias para a miseria de fóra, quando o asoberba a miseria de casa, e muito principalmente se essas quantias, embora para casa e para fim util, não vão satisfazer necessidades urgentes. Queremos dizer que o problema da Misericordia na conjunctura deve ser o unico, a cuja resolução se devem ligar todas as vontades. Actualmente desviar d'ella qualquer movimento caritativo equivale a *guerreal-a*. E quem ousará confessar, que o deseja fazer? Ninguem por certo. Isso, por-

tanto, só por baixos e inconcessaveis sentimentos se poderia produzir, o que não suppomos na nossa terra.

Algum pequeno trabalho de toupeiro, que porventura se exerça, ficará inutil e inoffensivo perante o da grande maioria decidida e bem intencionada.

Vem isto a proposito de uma annunciada excursão em beneficio da Associação dos Bombeiros Voluntarios. Não nos passa pelo espirito, que haja qualquer proposito em contrariar a Misericordia, antes attribuímos o caso a falta de lembrança ou ao espirito de rotina, de que todos enfermamos e que trouxe automaticamente á memoria aquella associação por ser a do costume. Uma vez feita, porém, a reflexão não haverá duvida—crêmol-o sinceramente—em fazer reverter para a Misericordia o producto do passeio, se por acaso se levar a effeito.

Não dizemos isto, porque nos mereça pouca sympathia a Associação dos Bombeiros; pelo contrario achamol-a necessaria e altamente humanitaria, sendo com ella solidario até ser seu socio auxiliar. Mas esta associação vive hoje mais que desafogadamente, graças a generosos benemeritos, e não carece de mais recursos, que os proprios para a sua sustentação e progredimento.

Se mais não faz, será por não ser preciso, que não por falta de meios.

Nós ousamos affirmar mais: que a propria Associação dos Bombeiros está nas condições de proteger a Misericordia, tomando a iniciativa de festivaes, *quêtes*, *kermesses*, etc.

Desarrazoado parece, pois, desviar em proveito d'aquella uma receita, que é de justiça, que reverta a favor d'esta. E assim ficamos convencidos, que não haverá duvidas em reconsiderar, mudando-se a applicação do saldo da excursão, caso venha a realizar-se.

João Vareiro.

## DÉBACLE

A quarta panela ministerial do «afortunado» reinado manuelino é um resultado mais de galhofa, de chasco, pelo seu tremendo ridiculo. Perto de quinze dias Wenceslau de Lima, o chefe do novo moribundo, de porta em porta, de salvador em salvador, amargamente, esmolou o favor de carre-

garem com as pastas das cousas da governança e máo recado d'ali e porta na cara d'alem o diplomata dos vinhos sempre conseguiu o seu fim.

Mas custou. E o rebutalho foi d'assobio. Ministerio extra-partidario, nado e batizado fora da pia dos Navegantes, nem carne nem peixe para a matulajem politiqueira, é recebido com certas graças e agrados por banda da jente bloqueista, contentissima por dar um cheque (verdade, verdade—verdadeiro?) no grande lama José Luciano o até agora senhor e dono do paço.

Mis se é recebido, assim, com beijocas, por essa suspeita parte dos politicos, quer isso dizer que o ministerio encontra apoio, simpatia ou confiança no povo, que a sua acção derivará fecunda, util, no meio da solidariedade e do aplauzo do paiz—que não é a *ga-fu* politiqueira? Ora, ora faltava isso:—que a nação se parcializasse por Alpoim—esse demagogo á Costa Cabral,—esse condotieri que tão depressa se prostra de rojo em bajulações ao monarca como em seguida se põe a cantar o povo livre e irreverente n'uma comodidade de narizes de cera faceis de grudar entre os impetos de uma oratoria fremente; que por ele e por Teixeira de Sousa se desse ao trabalho, a nação, de tomar a serio esta comedia de impotentes, de impenitentes, de falidos... O ministerio que entra, com dias contados, efemeros como um protesto de firmeza na boca d'um abulico, esse ministerio que provavelmente tem todas as simpatias ocultas do jezuitismo vem encontrar, de face, não a indifferença mas a hostilidade e a luta.

Ele representa toda a serie de desconchavos e faltas que se juntaram no fim para mais depressa e mais violentamente enterrarem uma velha e funestissima monarchia. Quem a ele preside tem especiaes responsabilidades ligadas á convenção de Lourenço Marques e do Transval, a questão enrascada de Macau, e por essas duas malfetorias de leza patria terá que responder—queira ou não queira.

Ele e os seus cooperadores, salvo um cazo de isolamento, o de Francisco de Medeiros, ministro da justiça por sua propria desgraça; o que veem dar á sua patria não é mais nada alem da costumada habilidade de matar o tempo e dar cordeas á coroa. Para o conseguimento andou-se duas semanas em romaria por todos os homens do reino e, ao fim, apurou-se, salvo o nome de Francisco de Medeiros—por selecção regressiva uma sociedade absolutamente incapaz não já de levar a porto a barcaça monarchica mas até incapaz de enfiar uma seta pelo buraco de uma agulha. Recuzou-se o cargo de ministro como se enjeita o logar de carrasco, ou o de coveiro—visto que cheira a defunto pelas altas esferas onde já a podridão vem de assentar as suas vingadoras irreverencias.

Cheira a cadaver de um trono, não de um povo; que pelo seu

esforço e pela sua enerjia Portugal hade safar-se a tempo da companhia mortifera. Com a cooperação de todas as boas vontades ativas, com o sacrificio de todas as enerjias renovadoras, n'um grande, belo e jeneroso movimento de conservação e de vida. Porque a questão, dicizivamente é de vida ou morte, mórmente no estado de «débacle» a que a jovem coroa por fatalidade historica chegou; mórmente agora que a final illusão se foi... *De vida, pela Republica*, sem a qual o problema nacional não tem solução possivel; de *morte pela monarchia esterilizando-se e empecendo-nos com a sua parasitaria presença.*

Em quinze mezes de reinado a monarchia nova de manhas velhas dá ao paiz o espetaculo de dois violentos golpes de estado, pois que, pela segunda vez, e rei D. Manoel II decreta um adiamento das córtes. Fez-se ilegalmente o parlamento para se fugir á discussão do convenio de Lourenço Marques com o Transval, e para se protejar o apuramento das responsabilidades e contas dos adeantamentos! Eis no que dão os protestos reaes de cumprimento fiel das leis; eis o que é o proposito de vida nova declamado em todos os tons pelo rei e pelos monarchicos.

Tudo mentira, tudo burla, nesta monarchia nova organicamente incapaz de governar com o direito; tudo falsidade e improbidade nestes politicos que a defendem e lhe salvaguardam as violencias.

D. Manoel II concedendo um adiamento das córtes praticou um delicto constitucional, perjuro, e pelo atentado, reincidencal, a sua monarchia põe-se, audaciosamente, fóra da lei.

Sem mudança alguma ela repete hoje os crimes constitucionaes do execrado reinado anterior: os primeiros passos do monarca novo são a repetição do reinado velho. E' uma eloquente lição das coisas esta perpetuidade arriscada de descarados perjuros, melhor que sentença alguma, isto e os adeantamentos definem a dinastia...

## ECOS DA SEMANA

### Liberal

Como os seus predecessores o novo governo é acentuadamente liberal e «ponderadamente», tambem, permitirá que se uze das liberdades. Acontece-nos sempre isto com todos os nossos governos: todos são liberaes! O peor é que com eles succede sempre aquele cazo do capote furtado n'uma sociedade de homens—todos honrados! Succede isso sempre, pois que apezar do liberalismo dos ministerios a liberdade perde constantemente,

De modo que o melhor era um governo que se filiasse imediatamente tiranizador.

Talvez então a causa da liberdade algo lucrasses, de certo, de inequivoco.

### Auxilios

Vasconcelos Porto, ordenança de João Franco e pseudo chefe do grupo franquista, afirmou a um jornalista em *interview* que auxiliaria, quanto podesse, com o seu partido o novo governo. Ha pouco mais de um ano, quando o *malfetor* fujitivo teve a existencia jogada aos dados, toda a jente, ajuzadamente, supôz que isto de franquismo era burro morto e peçonha fuda. Eis pouco mais de um ano volvido, e já os mesmos ditadores de sinistra e execranda memoria falam de darem o seu apoio ao governo, o qual, certamente, sollicitamente lho aceita. O seu auxilio!... afirma seguro e ridente Vasconcelos Porto, o tal *impedido*. Como se esquece depressa n'esta desmemoriada e leviana terra, ou, então, como se avança doidamente para uma guerra de exterminio... O seu auxilio...

Boa vae elal

### Blasco Ibanez

Lisboa teve no sabado uma vizita de honra; não foi nenhum rei, nem nenhum bispo, nem nenhum general, tampouco. E' que no sabado desembarcava na cidade das Naus o libelista da *Catedral*, o colorista admiravel das paixões e do ardor hespanhol. Blasco Ibanez, republicano e deputado, ora um tanto divorciado da politica, é um lutador de proporções formidaveis. Contra o catolicismo, contra a tyrania dos reis, em pajinas impereciveis tem deixado o clamôr de uma grande consciencia e de uma firme vontade.

N'ele toda a Nova Espanha revolucionaria e livre pensadora tem o seu interprete magnifico, visto que a sua arte, continuamente, serve ideas a que ilumina com o relevo do seu estilo. Eis a vizita que teve a Lisboa que nós amamos: vizita digna a todos os titulos da cidade e do vizitante.

### Quem os conhecer...

O «Diario Popular» de 13 do corrente referindo-se ao advento de Wenceslau de Lima á presidencia do governo informa assim: «é um homem publico bastante conhecido para que possamos dispensar-nos de encarecer as suas qualidades de estadista.»

O mesmo jornal, de 8 de janeiro d'este ano folião, referindo-se ao mesmo Wenceslau de Lima apreceia o, assim, n'esta crueza de termos: «A falta de jente, ele que nunca foi tomado a serio pelos companheiros de Fontes, armou em diplomata e, deixando-se embrulhar até pelos adidos das legações estrangeiras, conseguiu não obstante, ser um ministro indispensavel em todas as situações, porque tem proteções no Paço... Sem opinioes definidas, porque é incapaz de as possuir, ele não sabe se ha-de rezolver a questão dos sana-

torios com jogo ou sem jogo, nem se as aguas controversas são de Macau ou da China. Com o tratado da Alemanha que assinou de cruz... intenta iludir os tolos, negando-se a publicar-o e deixando-o para ser aprovado, á ultima hora, sem discussão parlamentar. A consciencia deve ter-lhe segredo que a sua obra, ou antes a obra dos outros, não passa de uma burla feita á nação. A quatro mezes de distancia os dois numeros do jornal *bloquista* «Diario Popular» respetiva e comparadamente se prestam a interessantes cotejos. Agora já é a amaciadela leve e ainda timida, visto como é o primeiro passo para a reconciliação de familia. Depois, passada a efuzão dos abraços com que será celebrada a superna união, entrar-se-ha no periodo alegre dos inflamados louvores. Verá então *el publico* que Wenceslau de Lima para o *bloquista* «Diario Popular» é o perfeito Cavour, o Pitt da Luzitania. Sempre esta politica é bem aquilo da alegoria de Bordalo—a grande porca, a reles porca.

### O adiamento

O novo governo, para dar publica e notoria fé da sua marca palaciana, logra obter um adiamento, por dois mezes, do parlamento. O facto é uma ilegalidade que nos não provoca desgosto pois que a nossa funcção, propriamente, não seja a de vigilante e guarda da carta outorgada. Republicanos, rejeitando toda a obra monarchica, não temos que nos affijr á conta da carta e dos seus rasgões. Porem o facto não devemos perder a occasião de o apreciar, não sob o nosso ponto de vista mas sob o da generalidade e principios de sistemas.

Ora em toda a parte, com proposito e sem proposito, nunca faltam monarchicos «de tom» para desdenhar das republicas e celebrarem a monarchia e a esse fim presta-se, belamente, nas suas ilações o atentado anti-constitucional do adiamento.

Em Portugal n'estes dez anos ultimos de monarchia houveram mais de doze adiamentos; em França, na Suissa, na America do Norte, no mesmo espaço de tempo nem sequer houve um. Lá—republicas a lei é cumprida sem intermitencias aliaz desculpaveis em dados cazos; cá—monarchia, n'uma epoca de paz a lei é letra morta para o capricho dos reis e para a voracidade dos seus aulicos. Outra conclusão, a pôr em evidencia, é a facilidade com que o sistema monarchico, alem de não se sujeitar ás leis, esquece os seus compromissos, as suas juras—ainda quentes, ainda vivas...

### (11) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

## A Brasileira de Prazins

A fuga da Honorata Guião com o Silveira dos Pombaes não amotinára a opinião publica escandalizada.

A' exceção da austera Roza de Carude, toda a jente deu razão á fidalga.

O Cerveira tinha amigas da ralé, que metia em casa—uma diversão á embriaguez, quando não exercia as duas distrações em uma promiscuidade dezaforada. D. Honorata visitava-se unicamente com a D. Andreza da Silveira, da casa dos Pombaes, irmã de um bacharel delegado em Amarante. Chorava muito com ela e pedia-lhe que perguntasse ao mano doutor se poderia separar-se por justiça, antes de se atirar a uma cisterna. D. Andreza pediu ao irmão que viesse ouvir as tristes alegações da sua desgraçada amiga.

Estava Honorata nos trinta e trez anos, quando o Silveira a encontrou nos Pombaes. O delegado era um romantico. Emigrára em 28, sendo estudante, quando alguns membros da sociedade dos *Divodignos* pade-

D. Manoel prometeu duzias de vezes, n'este seu escasso tempo de rei, cumprir e fazer cumprir a carta constitucional, jurou-o onde quer que apparecia e sem ninguem por tal lhe perguntar, talqualmente como se pretendesse dar segurança e creança ao seu povo. Pois agora e pela segunda vez fel-a aceala e completa...

## ARA

### Flores Velhas

Fui hontem vizitar o jardinzinho agreste, aonde tanta vez a lua nos beijou, e em tudo vi sorrir o amor que tu me deste, soberba como um sol, serena como um vôo.

Em tudo cintilava o limpido poema, com osculos rimado ás luzes dos planetas; a abelha inda zumbia em torno da alfazema; e ondulava o matiz das leves borboletas.

Em tudo eu pude vêr ainda a tua imagem, a imagem que inspirava os castos madrigaes; e as virações, o rio, os astros, a paisagem, traziam-me á memoria idilios imortaes.

Diziam-me que tu no florido passado, detinhas sobre mim ao pé d'aquellas rosas, aquele teu olhar moroso e delicado, que fala de langôr e de emoções mimosas;

e ó palida Clarisse, ó alma ardente e pura, que não me desgostou nem uma vez sequer, eu não sabia aurir do calis da ventura o nectar que nos vem dos mimos da mulher!

Falou-me tudo, tudo, em tons comovedores, do nosso amor, que uniu as almas de dois entes; as falas quase irmãs do vento com as flores e a mole exalação das varzeas rescedentes.

Inda pensei ouvir aquellas cousas mansas no ninho d'afeições creado para ti, por entre o rizo claro e as vozes das creanças, e as nuvens que esbocei, e os sonhos que nutri.

Lembrei-me, muito, muito, ó simbolo das santas, do tempo em que eu soltava as notas inspiradas, e sob aquele céu e sobre aquellas plantas bebemos o elixir das tardes perfumadas.

E nosso bom romance escrito n'um desterro, com beijos sem ruído em noites sem luar, fizeram-mo reler mais tristes que um enterro, os goivos, a baunilha e as rosas de toitar.

Mas tu agora nunca, ha! nunca mais te sentas nos bancos de tijolo em musgo atapetados, e eu não te beijarei, ás horas sonolentas, os dedos de marfim, polidos e delgados...

Eu, por não ter sabido amar os movimentos da estrofe mais ideal das harmonias mudas, eu sinto as deceções e os grandes dezalentos e tenho um rizo máo como o sorrir de Judas.

E tudo emfim passou, passou como uma pena, que o mar leva no dorso exposto aos vendavaes, e aquella doce vida, aquella vida amena, ah! nunca mais virá, meu lirio, nunca mais!

O' minha boa amiga, ó minha meiga amante quando eu hontem pisei bem magro e bem-curvado,

a areia em que ranja a saia roçagante que foi na minha vida o céu aurizoado,

ceram o suplicio da forca pelo homicidio dos lentes. Completára a formatura em 38 e fora despachado. Muito lido em Schiller e Arlincourt. Fazia solaus em que havia abencerrajens e infantas cristãos apaixonadas que tocavam arrabis, banhadas de lua nos revelins dos castelos roqueiros. Tambem fazia prosa na *Gazeta Literaria* do Porto—cenas dramaticas em que se jurava pela gorja e havia homens de prol que arrastavam mantos negros, cravavam laminas de Toledo ás portas de Dom Fuas, e, cruzando os braços rujiam cavernosamente: «ah! Dom ribaldo, dom ribaldo!» E depois os arrepios d'uma casquinada seca, d'um estri-dente grasnido de gaiivotas que se espicaçam por sobre o mar banzeiro.

A Honorata, esposa deplorativa, dama da rainha, esbeltamente magra, d'uma elegancia de raça afinada nos salões da Bemposta, palidez eburnea, esmaecida, *airs vaporés*, um sorriso nobre de ironia rebelde á desgraça, com a dupla poesia do martirio e da beleza, ultrapassou a encarnação viva dos ideaes do bacharel. Ela tinha pejo de lhe contar os seus infortunios, a vida crapulosa do marido, a libertinagem de portas a dentro com as jornaleiras, e o abandono da educação dos filhos,

Eu tinha tão impresso o cunho da saudade, que as ondas que formei das suas illusões fizeram-me enganar na minha soledade e as azas ir abrindo ás minhas impressões.

Soltei com devoção lembranças inda escravas, no espaço construí fantasticos castelos, no tanque debruçei-me em que te debruçavas, e onde o luar parava os raios amarelos.

Cuidei até sentir mais doce que uma prece, sustar a minha fé n'um veio consolador, o teu divino olhar que as pedras amolece, e ha muito me prendeu nos carceres do amor.

Os teus pequenos pés, aqueles pés suaves, julguei-os esconder por entre as minhas mãos, e imaginei ouvir ao conversar das aves as celicãs canções dos anjos teus irmãos.

E como na minha alma a luz era uma aurora, a arajem ao passar parece que me trouxe o som da tua voz, metallica, sonora, e o teu perfume forte, o teu perfume doce.

Agonizava o sol gostoso e lentamente, um sino que tanzia austero e com vagar, vestia de tristeza esta paixão veemente, esta doença, emfim, que a morte ha-de curar.

E quando me envolveu a noite, noite fria, eu trouxe do jardim duas saudades roixas, e vim a meditar em quem me cerraria, depois de eu me morrer, as palpebras já frouxas.

Pois que, minha adorada, eu peço que não creias que eu amo esta existencia e lhe não queira um fim; ha tempos que não sinto o sangue pelas veias e a campa talvez seja afavel para mim.

Portanto eu que não cedo ás atrações do gozo, sem custo hei-de deixar as magoas deste mundo, e, ó palida mulher, de longo olhar piedoso, em breve te olharei calado e moribundo.

Mas quero só fugir das coisas e dos seres, só quero abandonar a vida triste e má na vespera do dia em que tambem morreres, morreres de pesar, por eu não viver já!

E não virás chorosa, aos rusticos tapetes, com lagrimas regar as plantações ruins; e esperarão por ti, n'aquelles alegretes, as dalias a chorar nos braços dos jasmims!

Cesario Verde.

## Os Adeantamentos

De um artigo de João de Menezes na «Lucta» fazemos a interessante e ensinativa *coupure* que segue. E' o levantar do véo dos adeantamentos, é simplesmente a escassa amostra do formidavel escandalo. O que a monarchia por si e pelos seus servidores tem custado a este paiz é pouco provavel que no todo venha a apurar-se, todavia o que já se sabe, e o que ainda ha-de vir a publico, chega perfectamente para o processo e para a condenação do rejime.

E já que dezenas d'anos temos sido expoliados, roubados fabulosamente, que ao menos nos fique o premio de consolação de marcar a ferro em braza toda essa sociedade parasitaria, insaciavel, maldita.

Mas vamos lá:

Andreza é que contava tudo ao mano Adolfo na prezença da martir. Que o Cerveira se embriagava todas as tardes e tinha amazias da ultima jentalha que punham e dispunham em casa. Que os meninos eram creados brutalmente; que o mais velho, o Heitor, nem sabia lêr, porque o pae tambem fazia mal o seu nome. Que tiveram um padre de dentro para os ensinar, mas que o padre em vez de lhes dar lição, trabalhava de carpinteiro em remendar os sobrados, e quando era a hora do estudo largava a enxó e vinha em mangas de camisa, sem gravata e de sócos para a sala.

Que os meninos lhe não tinham respeito nenhum, por isso o Heitor, quando ele o ameaçou com a palmatoria, respondeu que lhe dava uma navalhada. O pae achou-lhe graça, e o padre foi-se embora. Depois, entrou um velho que dava escola em Guimarães, e os quizera ensinar com muita paciencia; mas o Heitor e mais o Egas taes arrelias lhe faziam que o pobre homem fugiu. Que D. Honorata sofria aquelle flajelo desde a queda da realza, como se fosse culpada da victoria de D. Pedro. Era da familia dos Guiões, muito intimos do sr. D. Miguel e do conde de Basto; mas todos os

«Os adeantamentos á Casa Real não importaram apenas em 771 contos, nem mesmo só em 1:795; por outro lado, além d'esses ha os que foram feitos ao infante D. Affonso e á rainha D. Maria Pia, que passam de 1:200 contos, sem contarmos ainda com os emprestimos levantados na Caixa Geral dos Depositos, sob a responsabilidade do governo.

Um balanço rigoroso a todas as despesas illegaes feitas com a Casa Real e a Casa da rainha D. Maria Pia, perfectamente distincta d'aquella, ha-de dar-nos uma conta muito superior á conhecida.

Para as obras de luxo nos palacios, despesas com yachts e outras embarcações, comboios de recreio, telegrammas, rendas, emprestimos e adeantamentos, ha-de vêr-se que dos cofres publicos sahiram perto de 7:000 contos de réis sem conhecimento do paiz, sem discussão de contas, sem justificação documentada clara, feita á luz do dia, nas camaras, de todas aquellas despesas. Sob o ponto de vista financeiro, portanto, os gastos illegaes com a familia real são bem maiores do que se supunha. Mas sob o ponto de vista moral o escandalo excede todas as previsões.

Quando o paiz souber como foram pedidas as rendas e quando conhecer todos os documentos sobre o assumpto; quando verificar como foram autorizados adeantamentos e examinar a redacção dos despachos que os autorisaram; quando tiver deante dos olhos a correspondencia e os contractos dos emprestimos feitos com a responsabilidade do thesouro publico á rainha D. Maria Pia em Portugal e no estrangeiro; quando vir desfiada a historia dos yachts reaes, ha-de ficar boquiaberto, ainda que se considere preparado para todas as surpresas. E, então, avaliando pelo escandalo dos adeantamentos á familia real o que será o escandalo de outros adeantamentos; calculando pelo que possa vir a saber o que será tudo quanto lhe occultarem, o paiz, fazendo o balanço dos desastres financeiros que nos levaram á bancarrota e nos entregaram amarrados de pés e mãos á agiotagem cosmopolita, terá comprehendido todo o alcance da obra criminosa da monarchia constitucional.

Ha tres annos que, no parlamento, o dictador, julgando dar um golpe decisivo que lhe assegurasse o predomínio politico e salvasse a monarchia, fez a revelação da existencia dos adeantamentos á Casa Real. Um anno depois, reconhecendo que errára o golpe, quiz por um acto de audacia, liquidando os adeantamentos em dictadura, salvar o que por suas proprias mãos perdera.

A outros processos, menos vio-

seus parentes foram perseguidos, roubados, de modo que ela ainda que quizesse fugir ao marido, não tinha em Lisboa familia que a podesse sustentar;—que se não fosse isso, já teria acabado o seu suplicio, e que muitas vezes pensára em se matar, mas...

—Os filhinhos... atalhou Adolfo sentimentalmente.

—Não, sr.—acudiu a dama de Carlota Joaquina—não são os filhinhos. O coração de mãe só se enche de amor aos filhos quando se evapora o amor aos pais. Eu nunca amei este homem.

Impozeram-me o casamento, aproveitaram-se do despeito que eu sentia pelas ingratições d'um conde que eu amava, e casaram-me á pressa.

O carater d'este homem não peorou com a desgraça da politica; ele é o que sempre foi, com a diferença de que na corte embriagava-se com os fidalgos, no Alfeite e em Queluz, e por lá dormia. As mulheres que corrompia ou o corrompiam não eram minhas creadas nem minhas conhecidas; e, se o eram, eu apenas tinha a convicção de que ele era um devasso. Tenho cinco filhos d'este homem, mas basta que eu lhe diga sr. doutor Adolfo, que são d'ele, são os produtos maldicoados de uma

lentos ainda que tão immoraes, se recorreu dentro da monarchia nova na illusão de que seria facil, se não resolver, pelo menos fazer esquecer o escandalo. Tambem esse expediente falhou. Precisamente por a pretenderem iludir, a questão dos adeantamentos está hoje como em novembro de 1906, quando o dictador confessava a existencia do crime e os chefes dos partidos monarchicos o negavam. A verdade já não pôde occultar-se e, quando o paiz a conhecer, estará feito o processo da monarchia.

## LÁ POR FORA

Um pouco tempestuoz a semana finda na estranja com a greve dos empregados telegrafico-postaes em França. Pela segunda vez em curto prazo de tempo a greve dos correios emociona Paris, e, embora ao governo lhe seja possivel vencer as rezistencias e anular a opposição grevista, nem por isso o acontecimento deixa de revestir gravidade e de assumir importancia. Vencidos, hoje, os empregados em greve ha-de procurar a de-forra, e mais tarde ou mais cedo, quando melhores circunstancias lho permitam, renovarão os seus protestos e reivindicarão as suas atrazadas queixas. De modo que a victoria do governo francez nem para os vencidos nem para os vencedores porá termo ás rixas que ocasionaram a greve. Será simplesmente uma solução provisoria, um compasso de espera, uma ferida não cicatrizada roendo os dias de governo de Clemenceau. Conflictos assim não se liquidam pela força, mormente em paizes onde já vae alta a madrugada do socialismo inconvertivel.

Na Turquia a associação chamada «os jovens turcos» continua a sua tarefa das execuções marciais.

Com cadaveres, já, atestam ao mundo e á civilização o *estado d'avance* d'esses revolucionarios educados no positivismo d'Augusto Comte, consolidadores da teoria da «lei dos tres estados»... por demonstração e merecimentos da força. E' uma revolução eminentemente parenta da santa colera dos reis, não nos principios, é certo, mas seguramente nos processos de convencimento. Pela força «a joven turquia» intima os homens a jurarem a liberdade de uma constituição perigosa, tal qual como, pela fogueira, obrigavam os inquisidores a heresia á abdi-

obrigação estúpida—a aviltadora obrigação de ser mãe quando se é esposa.

Tinha dito. O bacharel nunca ouvira cousa assim, nem se lembrava de ter achado nos romances uma razão tão filosofica e conclusante da justiça com que a mãe pode aborrecer os filhos.

—Sentia vontade de me ajoelhar diante d'ela—disia Adolfo á irmã.—Que formosura e que talento, Andreza. O' mana, eu viajei cinco anos, vi as mulheres mais encantadoras da Europa, estive no Prado, no Bois de Boulogne, no Hyde-Park, e nunca vi mulher que tanto me penetrasse os intimos seios da alma! Nunca, por estranha fatalidade, nunca! Como é que eu sinto aos vinte e oito anos as palpitações d'um coração que nasce? Que faisca d'amôr é esta que me lavra um incendio devastador das alegrias d'alma que ainda hontem me douravam a existencia?

Era o estilo hidropico de Arlincourt; mas é de crer que exprimisse garrafalmente a sinjela e natural comoção que lhe fez a jentileza, a poesia elejtiaca, a majestade inflexa d'aquella mulher a quem a desgraça dera uma critica moderna e revolucionaria na religião das mães.

cação das suas doutrinas. Ora a liberdade não admite que a sirvam á moda de devoradora de carne humana, ela não aceita nem se honra com escravidões e perseguições em seu nome. Servil-a é abater, queimar, todos os instrumentos de servidão, todos os recursos de tirania: a força mais que nenhum.

No seu nome redentor e redimidor atulhar de prisões os carcereiros e povoar de cadáveres os garrotes é uma monstruosidade que faz pena exercida por revolucionarios, ordenada por filosofos. Todo o nosso sentimento de justiça indignadamente protesta, e o nosso ardor de revolucionarios não o pode levar a bem. No sul-tão vermelho achal-o hiamos natural e não havia que duvidar, nos seus emulos assombra-nos e deixa-nos uma impressão minaz de desalento e descrença.

Revolucionarios a decretarem sentenças de morte por fria e calculada desforra politica, que sejam tudo quanto quizerem, mas não nos venham dizer com toda a pose do reclamo que eles são o espirito revolucionario, as novas doutrinas, as correntes novas...

## Alma Humana

A's vezes, nas minhas longas e lancinantes noites de insónia, eu vejo com uma verdade cruciante todo o horror e todo o veneno d'aquella confissão de Barrés: «A possibilidade de qualquer hora, talvez muribundo, chorar sobre o meu travesseiro escaldante e dezarranjado por não ter gosado da mesma maneira cheia de força que é todo o gozo na natureza, deixando o meu instinto guiar a minha alma, irrefletidamente». Ai de nós! Sucede-nos que, a cada passo, nos mutilamos pondo balizas de ferro e pedra ao que seria a integralidade da nossa vida.

No amor, a cada instante, contigo, que vezes sem conta, depois de infernos de luta... Hontem, hoje, ainda logo, ainda amanhã; não tendo a braveza masculina de ser apenas:—o *Homo-instincto*. Contigo mais que com couza alguma, condensado a ter o remorso inutil, a tardia desesperação de sobre o meu travesseiro mirar o vazio do sacrificio, na hora agreste da ironia sarcástica e esmagadora.

O' é unico! a virtude e a continencia aparecendo-nos como um fantasma sem propriedade, como uma mistificação sem raizes; e na sombra, no claro escuro das impressões da retina a Amoroza cingindo á sua carne macia, firme, o triste nada de uns desejos nunca ponderabilisados, nunca felizes e satisfeitos.

Amar! Amar!... Não como nós o fazemos, forrando de cautelas e restrições o impulso ardente da nossa ancia, mas á maneira livre e real do tigre, realisando, um pouco, a prodijiosa ambição do delirante Antão de Flaubert: «O' felicidade! felicidade! Vi nascer a vida, vi o movimento começar. O sangue das minhas veias bate tanto que as vai romper. Tenho desejos de voar, nadar, latir, mijar, uivar. Quizera ter azas, carapaça, casca, exalar fumo, ter trompa, torcer o corpo, repartir-me por toda a parte, estar em tudo, volatilizar-me com os aromas, crescer como as plantas, correr como a agua, vibrar como o som, brilhar como a luz, aninhar-me em todas as formas, penetrar em todos os atomos, descer até ao seio da materia,—sêr a materia»... uma hora assim na existencia assim é que era, amar! amar!... Seria viver do instinto, fóra do mundo artificial, isto é,—seria sob um aspecto das cousas ensaiar o regresso puro ao primitivismo. E ahi, n'esse ciclorama forte e espontaneo, tu apparecerias verdadeira, terias o cio franco da loba, a lubricidade muda da

serpente. Morderias e os teus gritos de triunfo e gozo encheriam a selva e o ceo de um *Evohé* de triunfo, da vida, d'amôr...

Por sob a nossa casquinha civilizada supuram, tu bem o vês, estranhos sonhos e capitezos desejos, e a noite, má conselheira, ajitando o espetro da duvida cria a situação instavel e hesitante de negarmos a nossa obra, de dilacerar-m'os o nosso esforço.

E' que, bebido até á ultima o calis de fel, nos arrebatava a revolta para singulares pensamentos, e o amôr, o gozo não saboreados, nos dão de nós, da nossa tibieza, um sentimento de nojo, de raiva, de desespero.

Ah! somos, certas horas, o floricultor que vê tornadas em cardos as rozas do seu canteiro, ó desespero! por um engano de sementeira. Perdida a ancora, impossivel a florescencia: *Vanitas, vanitatum* desmoronando-se... E ás vezes vendo-te, leio nos teus olhos esse segredo...

Minusculus.

## ARTE & LETRAS

### Ao meu cão

O' meu amigo eu vejo, sinto, a tua ideal dedicação; como em ninguém, em ti presinto bem palpitante—um coração; e no teu vèr leio, distincto, o teu amôr, meu velho cão.

Somos bem sós,—desamparados almas errantes, iludidas, correndo o mundo alanceados de maguas intimas, vividas. Somos bem sós, bem ignorados nas nossas dôres desconhecidas.

Andas comigo, humildemente, tragando o fel do meu destino; e vens a mim, afavelmente, curvar-te ao tedio, ao desatino: Tu que és melhor que toda a gente meu cão, meu cão docil e fino.

Tua pupila inquieta e doce vê-me qual sou, intimamente, é para mim como se fosse um outro eu, um eu vidente; e em ti, ao menos, arreigou-se a lealdade que não mente.

Nunca palavra, pensamento,—anos a fio, anos inteiros,—cortou em nós, algum momento, as relações de companheiros; abstracto, eu; tu, sempre atento meu cão, meu cão de olhos trigueiros.

Vivemos juntos, juntamente possamos ambos, também, ter um nobre fim;—serenamente, no mesmo ancilar, mesmo querer; livres emfim! ó sonho! ó mental livres, meu cão, pelo *Não-Sêr!*

Antonio Valente.

## SUBSCRIÇÃO

Para as vitimas da catastrophe ribatejana

«A Patria» solidariesando-se com o sentimento nacional pela catastrophe de Benavente, Salvaterra e outras povoações, abre nas suas columnas uma subscrição a favor das vitimas da horrorosa desgraça, apelando para a justa piedade dos ovarenses. Fica assim aberta a subscrição:

Transporte. . . . 25\$200

## CHRONICA AGRICOLA

XL

### Acido phosphorico—os superphosphatos

O superphosphato provém dos phosphatos que têm soffrido um tratamento chimico, que em geral é a acção do acido sulphurico.

Assim ha-os provenientes dos diferentes phosphatos ou seja das apatites, nodulos, ossos, etc.

Ha-os denominados *enriquecidos* quando o acido sulphurico é substituido por o acido phosphorico; ha-os precipitados, etc.

O valor dos superphosphatos está no grau de solubilidade em agua dos phosphatos que contem.

Ora o superphosphato contem phosphato *monocalcico, bicalcico e tricalcico* (ou monocalcico, bibasico e tribasico) conforme um equivalente d'acido phosphorico está para um equivalente de cal, para dois, ou para tres.

Isto que parece desnecessario saber, e até descabido n'uma chronica como esta, escripta para os poucos illustrados, é todavia indispensavel, pois da natureza do phosphato depende o valor do superphosphato e os seus efeitos. Compreende-se bem isto desde que se saiba que o phosphato monocalcico é *solúvel na agua*, o bicalcico *insolúvel na agua*, mas *solúvel no citrato d'ammoniac*, e o tricalcico é *insolúvel n'um e n'outro*.

D'aqui se deduz que o de mais valor agricola é o monocalcico cujos efeitos seriam mais rapidos e depois, de menor valor respectivamente o bicalcico e tricalcico; é certo todavia que as experiencias têm demonstrado que, para as plantas, o phosphato bicalcico tem quasi o mesmo valor do monocalcico.

Os phosphatos naturaes têm apenas o tricalcico e d'ahi o seu menor valor e o seu aproveitamento para o fabrico dos superphosphatos. Quando estes se fabricam o que geralmente se faz, como disse, com o acido sulphurico, este combinando-se com a cal (com  $\frac{2}{3}$ ) que o phosphato natural contem, forma o sulphato de cal (gesso) e deixa livre o phosphato monocalcico solúvel na agua.

Como, porém, o acido sulphurico não de compõe todo o phosphato tricalcico que os naturaes contem, acontece que o monocalcico, em virtude de varias reacções posteriores ao fabrico, principia a atacar o tricalcico, formando então o phosphato tricalcico, já, como disse, insolúvel na agua.

Chama-se a isto a *retrogradação*; já também vimos, que ella não tem a importancia que á primeira vista parece, porque o bicalcico e monocalcico têm na *practica*, valor approximado.

Em todos os adubos nós temos d'attender, para lhe conhecer o valor, á percentagem d'elementos nobres que contem e ao grau d'assimilabilidade d'elles.

Por isso os superphosphatos têm maior valor; contem no mesmo pezo bruto mais acido phosphorico aproveitavel.

Basta saber-se que para haver 20 kilos d'acido phosphorico precisamos quasi 44 kilos de phosphato tricalcico dos phosphatos.

Creio ter explicado o sufficiente para se comprehender quando se deve empregar os superphosphatos e quando os phosphatos.

Pôde quasi dizer-se que para cada terreno ha, como na medicina para cada doença, circunstancias especies a attender.

Como já disse na chronica anterior, se os terrenos são muito humiferos, não só desaparece o inconveniente de pouca assimilabilidade do phosphato que o acido humico ataca, mas ha a vantagem da sua cal ir favorecer a vegetação pela neutralização da acidez, sabido como é, que um meio excessivamente acido não lhe é favoravel.

Mas se os terrenos não têm humus e são pobres de cal, convém o superphosphato que lhes dá o acido phosphorico d'uma forma que elles aproveitam logo e que se lhe fosse dado sob outra forma (tricalcico dos phosphatos) não aproveitariam se não com extrema dificuldade, visto elle se não solver em agua.

Ha até quem aconselhe o emprego dos 2 adubos — phosphatos e superphosphatos ao mesmo tempo em determinadas percentagens, para haver uma parte d'acido phosphorico aproveitavel desde logo e uma outra que será aproveitada mais tarde.

\*\*\*

Do illustre presidente da Commissão Municipal Republicana e membro da Commissão Executiva da Misericordia d'Ovar, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

*Snr. Director de «A Patria»*,

Rogo a publicação das seguintes linhas, que eu julgo de necessidade para mim e para a Misericordia.

Tendo um periodico, que se publica em Ovar, exarado nas suas columnas, que havia ou tinha havido qualquer conflicto entre a Commissão Executiva para a Misericordia e a *troupe* de amadores, motivando até n'este facto a dissolução d'esta, venho declarar, que, tendo assistido a todas as reuniões da Commissão, tendo tomado parte em todas as suas deliberações e dado cumprimento a todas, absolutamente a ta-

dos, os actos, que me foram cometidos, *nunca* vi deliberar ou executar qualquer coisa, que tivesse a intenção de hostilizar quem quer que fosse, mórmente aquella *troupe*, que foi sempre tomada na devida consideração e a quem sempre se agradeceu o que fez para a Misericordia, incluindo o ultimo espectáculo para cuja realisação a Commissão interveio n'aquillo de que foi encarregada.

Devo declarar também que da parte da mesma *troupe* nada chegou á Commissão, que significasse queixa de offensa recebida ou proposito de offender, o que seria negado ou repellido.

Sendo isto assim, resulta menos verdadeira a affirmativa de antagonismos, que não existem ou pelo menos na Commissão se não conhecem.

E' possivel que haja algum *mal-entendido*, que creaturas de *levar e trazer*, encontrando-se ouvidos fechados, porventura se hajam regosido em exacerbar, mas que não produzirá os seus efeitos para com uma Instituição que deve parair acima de *personalizações sempre odiosas*. Pela minha parte nada haverá que me faça recuar ou esmorecer em concorrer nas minhas limitadissimas forças para uma obra, que continuo a reputar extremamente util e necessaria. E assim, retemperando-me até na contrariedade, arredarei d'esta obra todo e qualquer *personalismo*, estando resolvido a não dar satisfação dos meus actos senão á minha consciencia e á assembleia, que me commetteu o cargo.

Se existe para commigo qualquer resentimento, o que ignoro e extraño, pois o proceder da Commissão executiva tem sido sempre adoptado por *unanimidade*, é injusto e precipitado, porque as minhas relações com todos os amadores—creio que com todos—dava-me o direito de *não ser condemnado sem ser ouvido*. O mesmo succederá com pequenas alterações a respeito dos outros membros da Commissão.

Não devo estas explicações a quem as não procurou, quando podiam e deviam ser dadas, mas venho a publico com o fim unico de afastar da Misericordia qualquer má vontade, pois a obra necessita de todos os esforços, e *todos temos a mesma obrigação* de lh'os prestar. Ovar, 14-5-909.

*Domingos Lopes Fidalgo,*

Membro da Commissão Executiva.

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Fazem annos:

No dia 23 o nosso estimado correligionario Armindo Ramos.

E no dia 25 a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Joaquina Pereira Dias, virtuosa esposa do nosso querido correligionario e amigo snr. Commendador Manoel Pereira Dias.

Sinceras felicitações.

Deu á luz no dia 12, com muita felicidade, uma creança do sexo feminino a estremecida esposa do snr. Antonio Augusto Freire de Liz, digno escrivão de direito da comarca. Parabens.

Chegou ha dias a esta villa, de regresso de Iquitos, o nosso patrio snr. Nicolau Soares Balreira, da Ponte Nova.

Boas vindas.

Cumprimentamos terça-feira n'esta villa o distincto *sportman* snr. Mario Duarte, d'Aveiro.

### Para as victimas do terramoto

Na preterita semana foi enviada ao thesoureiro da commissão nacional dos soccorros ás victimas do terramoto, snr. dr. Carvalho Monteiro, pela corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, a quantia de 475\$295 réis, provenientes de 450\$300 réis de dinheiro recebido

pelo bando precatório de 3 do corrente, 8\$000 réis do producto de libra e meia em ouro recebidas pelo mesmo bando e 19\$500 réis de dinheiro entregue posteriormente por varias pessoas, depois de deduzidos 2\$505 réis do premio do valle.

As roupas, fazendas e arroz offerecidos foram remettidos ao governador civil de Santarem.

### Excursão

Falla-se no projecto d'uma excursão a Vianna do Castello no proximo mez de junho. Não sabemos se este boato tem fundamento. No entanto, attenta a grandeza do empreendimento e a falta de recursos necessarios, não seria bom fazer reverter o seu producto em beneficio da futura Misericordia, como n'outra parte sensatamente o manifesta o nosso illustre collaborador João Vareiro?

Folgamos que o projecto se realise e este alvitre seja acceite pelos promotores, se é que os ha já.

### Nomeações

Foi nomeado ultimamente conservador privativo do registo predial da comarca de S. Vicente do Cabo Verde o snr. dr. José Ferreira Marcellino, administrador d'este concelho. Parabens.

E para a vaga por este deixada, foi nomeado administrador interino d'este concelho o snr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, de cujo cargo tomou posse na segunda-feira.

### Recenseamento eleitoral

Está em reclamação até ao dia 3 de junho proximo na secretaria da camara municipal, onde pôde ser examinado todos os dias uteis o recenseamento eleitoral d'este concelho.

E' de inteira conveniencia que os nossos correligionarios examinem os respectivos cadernos, para o effeito de reclamação, podendo fazel-o na secretaria do Centro Republicano, onde se encontram todas as noites á disposição os cadernos do recenseamento de todas as freguezias.

### Pesca

Tem sido regularmente compensador nos ultimos dias o trabalho de pesca na praia do Furadouro.

### Milho

O nosso mercado acaba de ser abastecido com uma grande partida de milho galatz chegado de Lisboa, vendendo-se na rua do Picoto a 580 réis o alqueire (20 litros).

## ANNUNCIOS

### ALFAIATE

Manoel d'Oliveira Paulino participa aos seus estimaveis freguezes e ao publico que mudou para a rua das Figueiras (em frente a S. Lourenço).

### CASA E TERRENO

Vende-se nas Pontes da Senhora da Graça, d'Ovar, aonde existe o estabelecimento do snr. Ludgero Peixoto. Quem pretender dirija-se a José Ferreira Malaquias, dos Campos d'Ovar.

# TANOARIA

E

## ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

**Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>**

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

**FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO**

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

**== OVAR ==**